

**Escola Superior de Educação e Ciências Sociais**

2010/2011

**Modernidade e Identidade Pessoal – (Anthony Giddens, 1997)**

**Introdução às Ciências Sociais**

Docente: Susana Faria

Discente: Maria de Lurdes dos Santos Pereira

## Sinopse

Anthony Giddens apresenta-nos nesta sua obra, uma análise profunda de como a modernidade rompeu com a ordem tradicional, impondo assim novos parâmetros que tiveram como consequência o surgimento de uma nova consciência no indivíduo, que uma vez liberto das amarras da tradição, das inerências do parentesco e do local, dá por si inteiramente livre para decidir das suas escolhas e do seu estilo de vida.

Abandonadas que foram, as práticas e os preceitos de outrora, o indivíduo apercebe-se de que a nova ordem instaurada exige de si uma outra postura, que implica o planeamento reflexivo do seu percurso de vida, com vista à construção de uma identidade própria. Foi, por conseguinte, o dinamismo da modernidade, que se acentuou e difundiu à escala global na sociedade contemporânea, que forçou a novos padrões de vida, definindo finalmente a concepção de que o indivíduo é um projecto que se deseja concretizado, e visto que está inserido um mundo de diversidade e de possibilidade de múltiplas escolhas, são-lhe, ainda que indirectamente, imputadas responsabilidades acrescidas, na medida em que é tornado autor, quanto mais não seja, dos seus fracassos. Não é de admirar, portanto, que os sentimentos de incerteza e de ansiedade se hajam generalizado na sociedade contemporânea. E é justamente sobre esta temática, que são as consequências trazidas pela modernidade e seus efeitos na questão da auto-identidade, que se debruçou (Giddens, 1997) dando assim mais um contributo para a compreensão do fenómeno da modernidade cuja complexidade fez nascer as ciências sociais

## Resumo

### Modernidade e Modernidade Tardia

Na obra a “Modernidade e Identidade Pessoal” o seu autor (Giddens, 1997), faz uma análise profunda das instituições, estilos e modos de comportamento estabelecidos na Europa pós-feudal e que vieram a ser alvo de expansão mundial. Para melhor se fazer compreender (Giddens, 1997), compara a modernidade com o “*mundo industrializado*”, pretendendo assim transmitir a ideia de que estão implícitos nesta causa da modernidade todos os adventos que acompanharam a industrialização, tais como o capitalismo, que não só acarretou consigo a instauração massiva dos mercados de produtos, como também os consequentes mercados da força de trabalho, assim como as instituições de vigilância, estas últimas consideradas a base que serviu de pilar ao crescimento maciço do poder organizacional relacionado com a consequente emergência da vida social moderna. Por seu turno, a modernidade tardia representa para (Giddens, 1997: p. 2) “*o nosso mundo de hoje*” que assim denomina, porque entende que o dinamismo que tão bem caracterizou a modernidade está ainda mais presente nos nossos dias, além de se ter tornado um fenómeno extensivo à escala global. (Giddens, 1997), iniciou o primeiro capítulo deste livro fazendo uma exposição, na qual descreveu e comentou algumas das conclusões que foi possível retirar de um estudo sociológico específico, que disserta sobre as implicações da ruptura de um casamento e de todas as situações inerentes ao acontecimento, uma obra denominada *Second Chances* da autoria de (Judith Wallerstein e de Sandra

Blakeslee in Giddens, 1997: p. 9)<sup>1</sup>, que considerou como uma ilustração perfeita e adequada ao contexto da sua obra. Nesta investigação sobre o divórcio e o segundo casamento foi possível concluir que afora os dramas habituais dos primeiros tempos, o ruir de um casamento pode muito bem vir a culminar no feliz começo de uma nova vida, que fará nascer nos indivíduos envolvidos uma nova consciência de si próprios, visto que até ali funcionaram em função de outra pessoa, abdicando tantas vezes da sua própria vontade.

Com a conquista da liberdade, emerge um novo sentido para a vida que leva à procura de novas oportunidades. Há, portanto, uma nova forma de encarar a aventura da vida, efectivada através do planeamento de acções com vista a conquistar a auto-realização, nesse sentido, os acontecimentos inesperados ou desagradáveis podem já não são vistos como portas que se fecham mas antes como pontos de partida para novas experiências, por ventura ainda mais gratas do que as anteriores. É a noção deste constante porvir aliado à organização e traçado das acções a empreender que faz sobressair o carácter mutável e volátil que constitui uma das características da modernidade tardia. No fundo, a ideia que o autor pretende transmitir é a de que “ (...) *“toda a gente está de algum modo consciente da constituição reflexiva da actividade social moderna e das implicações que esta tem para a sua vida”* (Giddens, 1997: p. 12), o mesmo será dizer, que o indivíduo conhece as regras do jogo, logo, as suas escolhas pressupõem-se reflectidas. Na minha opinião, as principais ideias debatidas por (Giddens, 1997), acerca desta temática, estão de alguma forma condensadas na abordagem que fez ao livro *Second Chances*, que funcionou como um pequeno núcleo a partir do qual (Giddens, 1997), se dedicou à plena e exaustiva explanação dessas mesmas ideias, na

---

<sup>1</sup> Wallerstein, J. e Blakeslee, S. (1989). *Second Chances*. Londres. Bantam.

medida em que defende que a modernidade operou mudanças no ambiente exterior ao indivíduo, que afectaram quer o casamento e a família, quer as instituições. Por seu lado, o indivíduo também reconstrói o universo da actividade social em que se encontra inserido através das lutas que empreende no sentido de resolver os seus próprios problemas. O *self*<sup>2</sup>, que entendo como a consciência de si mesmo, ou a consciência de uma auto-identidade, de um eu profundo, tem de ser construído reflexivamente, uma tarefa difícil, se for tido em conta toda a profusão e diversidade de possibilidades de opção, que assim sendo, muito contribuem para a dificuldade de escolha, facto que por si só acarreta sentimentos de angústia e de ansiedade.

## **A globalização e seus efeitos**

Na modernidade já nada se espera de Deus. O indivíduo deixou de poder contar com o beneplácito conceito da providência divina. O indivíduo vê-se agora como o fazedor do seu próprio destino. Esta tomada de consciência é geradora de ansiedade e potencia os medos, na medida em que deita por terra a reconfortante ideia, de que existia no mundo uma ordem pré-ordenada, que determinava os acontecimentos, e que em última instância, num momento de extrema gravidade e perigo, Deus seria chamado a intervir, no sentido de acalmar e pôr mão nos crescentes delírios da humanidade. Ciente da nova realidade, de saber-se no mundo desamparado, simultaneamente o indivíduo reconhece que a evolução da ciência e da tecnologia trazem consigo a ambiguidade, a terrível dúvida, pois se por um lado estes adventos têm

---

<sup>2</sup> - *Self*: Por dificuldades de tradução da parte do tradutor, este termo, *self*, foi mantido, mas presumo que se refere ao eu profundo, ou à consciência de si, da auto-identidade.

permitido enormes avanços que catapultaram a sociedade humana para o desenvolvimento, por outro lado, também têm contribuído para o aparecimento de novos problemas, nomeadamente a ameaça crescente da possibilidade eventual da destruição do planeta. Por outras palavras, vive-se um ambiente de incertezas, pois nunca poderemos saber para onde caminhamos, apesar dos esforços das organizações que têm como missão exercer o controlo das relações sociais através de distâncias indefinidas de espaço-tempo.

A modernidade tardia surge assim como um estádio da sociedade onde o risco é uma eminência. Embora em boa verdade não se possa afirmar com convicção que a vida social de agora envolva mais riscos do que antigamente, pois se bem visto, alguns dos riscos de antanho já não existem mais na actualidade, contudo, não deixa de ser uma realidade que a modernidade tardia trouxe com ela riscos consideráveis, e que jamais perfilaram nos horizontes das gerações anteriores. Por conseguinte, uma terrível evidência se nos impõe - enquanto houver armas nucleares e a ciência e a tecnologia continuarem envolvidas na construção de armas, ainda mais sofisticadas e potentes de que as anteriores, numa escalada contínua em busca da arma perfeita, presumidamente capaz de matar mais e melhor, persistirá o malfadado risco de uma guerra de proporções desmedidas cujas consequências permanecem incalculáveis. Mas, outras “guerras” nos ameaçam: O colapso dos mecanismos económicos globais, a exemplo do que está a suceder nos últimos tempos, e como consequência o aparecimento de grandes potências ou Estados totalitários, que tendem a surgir nos períodos de crise, fruto da ideia generalizada nos indivíduos, que só uma mão-de-ferro poderá estabelecer a ordem no caos. À parte disto, o conceito de risco é

fundamental para o modo como os agentes, leigos e especialistas, organizam o mundo social. Por isso, na modernidade, o futuro é continuamente trazido para o presente – pensar em termos de risco é primordial para avaliar as consequências dos percalços ou desvios nas trajectórias antes definidas, e assim antecipar formas e soluções capazes de diminuir os embates que possam advir desses desvios ou factores fracturantes.

Os acontecimentos, ainda que deflagrem em lugares remotos, são ainda assim, susceptíveis e capazes de gerar influências à escala global, por conseguinte, influenciam do mesmo modo as intimidades do *self*, facto que reporta para a clara noção da existência de consequências directas, que tanto podem ser positivas como negativas, advindas do desenvolvimento dos meios de comunicação de massas, nomeadamente através da comunicação electrónica. A interpenetração do auto-desenvolvimento e dos sistemas sociais torna-se cada vez mais evidente, o “mundo” de agora é bastante diferente do das épocas passadas, pois em muitos sentidos ele assume-se como um todo, num enquadramento único de experiências, que consequentemente brotou numa amálgama de culturas.

## **Ansiedade, Segurança e Confiança**

Tendo em conta as novas formas de experiência mediatizada, a auto-identidade torna-se num empreendimento organizado reflexivamente. O projecto do self consiste na manutenção de narrativas biográficas coerentes ainda que continuamente revistas, e ocorre no contexto de escolha múltipla, filtrada através de sistemas abstractos. Agora que a tradição perdeu influência,

e sendo que a vida diária sofre influências não só locais como globais, os indivíduos são cada vez mais forçados a ponderar e a considerar escolhas de estilos de vida de entre uma imensidão de opções. Não obstante “*as convenções sociais serem produzidas e reproduzidas reflexivamente pelo indivíduo nas suas actividades quotidianas (...)*” (Giddens, 1997: p. 33), processo que faz parte de uma plena integração ao meio envolvente, em qualquer momento o indivíduo é capaz de explicar das razões do seu comportamento, pois a sua “*consciência prática é parte integrante da monitorização reflexiva da acção (...)*” (Giddens, 1997: p. 33). Porém, nem sempre disso o indivíduo tem verdadeira consciência, já que não está continuamente a medir o que está a fazer, neste contexto pode-se dizer, que a consciência prática também pode ser “*não consciente*”, o que é diferente, de “*inconsciente*”. Por outras palavras, a acção do indivíduo nas suas actividades regulares quotidianas insere-se num esquema de articulação automática, pois os processos estão interiorizados.

O planeamento da vida ou a escolha dos estilos de vida organizado reflexivamente implica a avaliação de riscos, filtrada através do contacto com o conhecimento dos peritos afirmando-se como traço central da estruturação da auto-identidade. Neste pé, poderia então dizer-se que aos pobres, aos menos bafejados pela sorte, não lhes foi dada a graça de poderem fazer opções, na medida em que as possibilidades financeiras são escassas, tanto para que em consciência possam livremente fazer uma escolha, como também pela inerente dificuldade de recorrerem aos serviços especializados de aconselhamento/ planeamento. Todavia, urge ter em conta que em alguns casos é possível tomar decisões e seguir cursos de vida, mesmo quando se vive em condições de constrangimento material – desde que se opte por



modelos de vida, que rejeitam de forma convicta, determinadas formas de comportamento, nomeadamente os estilos de vida que assentam no consumo desenfreado, que inclui práticas e costumes vastamente difundidos.

Porém, e ainda assim, para enfrentar as vicissitudes do dia-a-dia é preciso coragem e confiança. A noção de confiança é estabelecida na idade infantil, na relação da criança com os progenitores. Essa confiança, que (Giddens, 1997) estabelece como sendo uma confiança básica funciona como uma protecção contra as ameaças e perigos, tornando assim possível ao indivíduo avançar de uma forma resoluta, decidida e corajosa, passo a passo, na odisseia que é a sua vida. Acerca desta questão, da confiança básica, (Giddens, 1997: p. 37) refere que é ela que permite ao indivíduo transportar consigo a ideia de um “*casulo protector*”, que age como uma protecção da sua pessoa nas diversas situações do dia-a-dia, querendo explicitar com isto que, “*a confiança básica é um mecanismo de ocultação em relação a riscos e perigos nos cenários circundantes da acção e da interacção*” (Giddens, 1997: p. 37), uma espécie de carapaça contra as adversidades e situações de tensão impostas pelas necessidades inerentes à vida. Assente na confiança está também a criatividade, que leva a que o indivíduo se sinta impelido a abraçar novas oportunidades e encete acções inovadoras em relação ao pré-estabelecido, facto que contribui em grande medida para o estabelecimento de um sentimento de valor pessoal, gerador de satisfação e de orgulho, na medida em que o indivíduo ousa furar a esfera comum das rotinas diárias. Segundo (Giddens, 1987: p. 5) a modernidade tardia gerou uma “*transformação da intimidade*”, já que a interacção entre o local e o global fez brotar nos indivíduos uma nova consciência, que ditou a necessidade de estar numa relação capaz de dar resposta aos seus anseios, que de alguma forma

estão directamente ligados a urgências impostas pelo frenesim que é o viver deste tempo. A procura da intimidade é, portanto, uma parte integrante desta nova relação, denominada por (Giddens, 1997), de “relação pura”, e que ao que parece funciona como uma forma de refúgio, uma espécie de defesa contra um mundo constrangedor, que a todo o momento ameaça esmagar-nos. (Giddens, 1997: p. 5) *“A intimidade na relação pura tem a sua própria reflexividade e as suas formas próprias de ordem internamente referencial”*, o mesmo será dizer, que o aparecimento desta relação, que já tanto permeia a vida social actual, e que por sua vez também é abundantemente permeada por influências mediadoras de sistemas sociais de grande escala, cujos tentáculos se introduzem nessas mesmas relações gerindo a sua organização de forma activa, pode também ser considerada como a relação possível e desejável, tendo em conta os novos parâmetros introduzidos pela recente concepção do que é e deve ser estar no mundo, sendo que o indivíduo está determinadamente livre para decidir de si mesmo, sem o espartilho das amarras de antigamente. Assim sendo, e vistas as coisas por este prisma, a relação pura tende a ser o protótipo das relações que dominam as novas esferas da vida pessoal, pois é uma relação que põe de lado os critérios externos, como por exemplo, o parentesco e as obrigações de índole social ou da tradição, visando apenas gozar das recompensas que parece prometer. As relações puras pressupõem o “compromisso” descomprometido, na medida que em que se estabelece numa forma muito particular de confiança, que nada tem a ver com deveres ou obrigações.

Guiddens faz uma abordagem sobre a noção do corpo e seu papel nas relações sociais fazendo sobressair a questão das tendências narcisistas que tendem a proliferar, contudo também ventila a hipótese de que este movimento de culto

da aparência poderá estar intrinsecamente ligado à necessidade sentida pelo indivíduo de vivenciar o controlo do corpo, principiando por o submeter à disciplina da prática do exercício físico bem como à sujeição de regimes dietéticos. O corpo assume cada vez mais importância porque cada vez mais é evidente que este pode determinar o tipo de escolhas e estilos de vida do indivíduo. Relacionado com esta premissa está o desenvolvimento em franca expansão das áreas dedicadas aos cuidados do corpo, incluindo as mais altas instâncias, como por exemplo: As tecnologias de reprodução e engenharia genética que estabelecem conexões não só directamente ligadas ao indivíduo mas também implicadas aos aspectos pessoais do desenvolvimento corporal e factores globais, nomeadamente no que diz respeito às transmutações da natureza num campo de acção humana. Por outro lado, a questão do corpo acarreta para o indivíduo consequências nefastas porque nem todos são agraciados pela natureza, por isso mesmo, os serviços que se encarregam da tarefa de melhorar a imagem, verdadeiros santuários de culto do corpo, muito têm proliferado, bem como os regimes, que se revestem de uma importância vital para a auto-identidade na medida em que ligam os hábitos a aspectos da aparência visível do corpo. Por norma, os tipos de regimes adoptados pelos indivíduos constituem hábitos de comportamento que se fixam como elementos inconscientes que condicionam a conduta e podem revelar os padrões de motivação prevaletentes. Isto é, através da observação dos regimes seguidos por um determinado indivíduo, é possível avaliar e aferir das suas motivações, por conseguinte, dos valores que o movem. Importa dizer, que os regimes são ordenados pela necessidade de obedecer às convenções sociais mas também dependem das inclinações e tendências pessoais. Neste sentido, a motivação nasce da consciência da imperatividade

de concretizar determinada acção, que é pressentida através de um sentimento de ansiedade. Mais concretamente, a motivação exige ser analisada à luz das características do sistema de segurança ou confiança básica, já aqui antes referida, porque se encontra directamente ligada no mesmo tronco das emoções, apreendidas desde a mais tenra idade. Neste contexto de emoções e de auto-identidade, cabe aqui referir que o sentimento de culpa ocorre em consequência da ansiedade que advém de uma transgressão, sempre que o indivíduo tem consciência de que não adequou os seus modos de comportamento aos cânones normativos vigentes, por conseguinte, a culpa é uma pena imposta pela consciência. Mas, no que respeita à construção da auto-identidade é o sentimento de vergonha que tem mais peso, na medida em que ela surge do exterior do indivíduo, embora os acessos de vergonha mais ou menos frequentes possam também revelar sintomas de insuficiência pessoal, que pode ser entendida como uma relação deficiente com o *self*. Por isso mesmo pode-se afirmar que a segurança está dentro do indivíduo que uma vez seguro de si, não tem entraves em agir ao serviço do seu auto-crescimento. O fio condutor de ordem moral da auto-realização é a autenticidade, que se baseia na capacidade de se ser honesto consigo próprio. O indivíduo para crescer tem de transpor os bloqueios e tensões emocionais que o impedem de compreender a pessoa que realmente é e o que pretende fazer com a vida. Ser honesto consigo mesmo é um processo de autoconstrução que necessita de orientação para atingir a plenitude, porque, afinal, a realização significa querer gerar a sensação de que se é uma pessoa de valor.

## Sistemas abstratos

Ninguém pode viver à margem dos sistemas abstractos da modernidade, por muito que se faça uma escolha cuidadosa dos estilos de vida, por muitas que sejam as possibilidades de opção, a verdade é que a confiança pode sofrer um abalo em relação a alguns dos sistemas, que de certa forma, atingem a vida do indivíduo. Por exemplo: É praticamente impossível a um indivíduo desligar-se completamente do sistema monetário actual, contudo, esse mesmo indivíduo, poderá optar por transformar o dinheiro em bens imóveis e desta forma conquistar a sua autonomia que se traduzirá no mínimo de relações com bancos e outras organizações financeiras. Se vistas as coisas por este prisma, a descrença em relação aos sistemas abstractos pode ser compensada, ou reconciliada, com atitudes deste género. Noutros casos, perdido num mar de dúvidas e incertezas, que o impede de ter a clarividência necessária para discernir os melhores caminhos no sentido de se realizarem, o indivíduo poderá ser confrontado com o insistente apelo de retornarem às autoridades mais tradicionais, como por exemplo, o retorno às origens religiosas, numa busca de paz e de sentido para as suas vidas.

Muitos dilemas do indivíduo podem tornar-se especialmente graves, ou serem sentidos com considerável intensidade, principalmente nos momentos mais decisivos, que são as encruzilhadas da vida. É nestas alturas de extrema fragilidade e vulnerabilidade que o indivíduo se volta para o que quer que seja, na procura de algo que o guie, e o mais natural é que busque refúgio nas instituições tradicionais que, de algum modo, lhe são familiares. Contudo, é também nestas situações de aguda ansiedade, que o indivíduo faz mais por si, porque se reveste de uma força interior, que apela de dentro de si, para fazer

face às dificuldades que o confrontam, a verdade é que muitas vezes consegue gerar um domínio sobre as circunstâncias, que não obstante o preço que houve de pagar, constituem parte do seu capital de experiência, e que certa forma, contribui para a construção de uma história de vida, fundamental para a formação e consolidação da sua auto-identidade.